

CONHECIMENTO E MISTIÇAGEM: O 'EFEITO-MACABÉA'

Julio R. Groppa Aquino*

Da condição migratória do aprendiz

Macabéa, personagem central de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, é uma retirante nordestina que vai tentar vida nova na cidade grande.

Filha do sertão, nasceu e permaneceu raquítica. Anônima, desajeitada, desgarrada no mundo, tudo nela inspira descompasso e compaixão.

Seus dias se dividem entre o trabalho como datilógrafa e o pretendente – também nordestino – Olímpico de Jesus.

As madrugadas, para ela, são embaladas pelos sons regulares da Rádio Relógio: hora certa, anúncios, pouca ou nenhuma música. “Era rádio perfeita pois também entre os pingos do tempo dava curtos ensinamentos dos quais talvez algum dia viesse precisar saber. (...) Verdade que nunca achara modo de aplicar essa informação. Mas nunca se sabe, quem espera sempre alcança” (Lispector, 1993; p. 53).

É por intermédio desta escuta, entretanto, que Macabéa vai lentamente construindo um certo reconhecimento sobre si e sobre o mundo.

– Você sabia que na Rádio Relógio disseram que um homem escreveu um livro chamado *Alice no País das Maravilhas* e que era também um matemático? Falaram também em “álgebra”. O que é que quer dizer “álgebra”?

– Saber disso é coisa de fresco, de homem que vira mulher. Desculpe a palavra de eu ter dito fresco por que isso é palavirão para moça direita.

– Nessa rádio eles dizem essa coisa de “cultura” e palavras difíceis, por exemplo: o que quer dizer “eletrônico”?

Silêncio.

– Eu sei mas não quero dizer.

– Eu gosto tanto de ouvir os pingos de minuto do tempo assim: tic-tac-tic-tac-tic-tac. A Rádio Relógio diz que dá hora certa, cultura e anúncios. Que quer dizer cultura?

* Departamento de Educação, Instituto de Biociências, UNESP, Rio Claro.

– Cultura é cultura – continuou ele emburrado. – Você também vive me encostando na parede. (...)

– Sabe o que mais eu aprendi? Eles disseram que se devia ter alegria de viver. Então eu tenho (ibid.; p. 66-67).

Do trecho do diálogo entre os personagens, nos deparamos, de um lado, com Macabéa ávida de respostas, enamorada pelas indagações, emaranhada numa espécie de dívida; do outro lado, com Olímpico, forjando respostas que não explicam, se esquivando a qualquer preço da dívida. Transversal a ambos, a Rádio Relógio que os ultrapassa, (in)formando, veiculando saberes e poderes.

Diferentes efeitos surtem da intervenção da Rádio no cotidiano dos personagens: o que nela evoca inquietação, nele imprime ameaça. Ambos porém se tornam objetos de uma ruptura provocada pela Rádio – o corte do conhecimento.

Espécie de Alice precária no país de supostas maravilhas, Macabéa protagoniza o sujeito do conhecimento – um sujeito crivado pelo rompimento dos significados ‘naturais’ do cotidiano.

Mas de onde brotava aquela vontade incessante de desvendar os significados de coisas que ela nem sequer suspeitava (mas que por alguma razão ela legitimava) a existência?

Suposto está que como o conhecimento almejado por ela, a vontade de conhecer não teve origem nela própria. Ao contrário, ela é uma invenção, uma fabricação a partir da intervenção da Rádio. É, portanto, a relação instituída com o veículo que institui a vontade de conhecer em Macabéa.

Força exógena e estrangeira em sua vida, a vontade de conhecer – derivada da relação instituída/instituinte com a Rádio – insuflava a sensação de falta, de dívida e ‘desposse’.

Em vez de apaziguar suas inquietações, seus pensamentos vão lhe abrindo feridas. Seduzida, Macabéa se rende ao fascínio da Rádio e, conseqüentemente, ao ideal de completude que ela veiculava – pois aquela que expulsava era também a que acolhia. Ora ruptura, ora sutura.

Presas voluntária, Macabéa protagoniza a dupla condição do aprendiz: se por um lado a vontade de conhecer lhe obriga a transpor os limites, lançando-a rumo ao desconhecido, por outro lhe estampa a fragilidade e o vazio de sua existência. Ao mesmo tempo que é expansão de mundo, é desnudamento aflitivo de si.

– Mas puxa vida! Você não abre o bico e nem tem assunto!

Então aflita ela disse:

– Olhe, o imperador Carlos Magno era chamado na terra dele de Carolus! E você sabia que a mosca voa tão depressa que se voasse em linha reta ela ia passar pelo mundo todo em 28 dias?

– Isso é mentira!

– Não é não, juro pela minha alma pura que aprendi isso na

Rádio Relógio!

– Pois não acredito.

– Quero cair morta neste instante se estou mentindo. Quero que meu pai e minha mãe fiquem no inferno, se estou lhe enganando.

– Vai ver que cai mesmo morta. Escuta aqui: você está fingindo que é idiota ou é idiota mesmo?

– Não sei bem o que sou, me acho um pouco... de quê? ...Quer dizer não sei bem o que eu sou.

– Mas você sabe que se chama Macabéa, pelo menos isso?

– É verdade. Mas não sei o que está dentro do meu nome. Só sei que nunca fui importante (ibid.; p. 73).

Marcada por um cerco contagioso, sua captura no conhecimento é generalizada. Desde os segredos do mundo exterior às inflexões internas, a dúvida se instala.

Nenhuma certeza lhe resta, além das 'verdades' que a Rádio veicula. A terra parece ir se lhe abrindo sob os pés.

De sujeito a objeto do conhecimento, seu trabalho será o de procurar no emaranhado das idéias um fio de sentido para sua existência, um pouco de sua importância, o desconhecido que se enreda sob seu nome.

Sem saber(-se), não há como conter a vontade de saber – um saber autofágico, que ultrapassa os mistérios do mundo e se torna um saber sobre si mesma. Este parece ser o deslizamento fundamental entre o conhecimento e o sujeito que conhece – uma espécie de suporte, de ancoragem sem a qual o conhecimento certamente não se sustentaria.

Antes força de intimidação, agora a vontade de conhecer passa a ser vetor de intimização. Desalojada pelo conhecimento, Macabéa vai buscar abrigo e vazão no próprio conhecimento – o que implica um corte ainda mais fundo.

Portadora das lâminas, a Rádio será o dispositivo por meio do qual Macabéa tentará resgatar seu eixo de existência. Conseguirá?

A partir da intervenção da Rádio no cotidiano de Macabéa, o que se produz é um jogo violento de forças onde o interventor/agente é aquele que carrega a palavra e a verdade consigo, aquele que se postula como guardião deste objeto hermético que a todos transcende. Apresenta-se, assim, enquanto o mensageiro desse algo que para o outro é ausente, total ou parcialmente.

Detentor dos traços da 'coisa' valiosa, o interventor/agente é também aquele que delimita as regras do jogo de apropriação da 'coisa', onde o papel do aprendiz/cliente é o da escuta recodificada em reverência (a escuta muda). A tática é a sedução do discurso (a escuta surda). O objetivo é a imputação do ideal de completude e, em última instância, o acesso à terra sagrada do saber (a escuta pródiga).

O desfecho invariavelmente é o mesmo: inocula-se o germe da Rádio que se torna, num só golpe, nutriz e nutriente do saber.

Alimenta-se da promessa da Rádio que dá hora certa, cultura, anúncios e, sobre-

tudo, esperança. De que mais Macabéa necessita?

Ao abrir-se a ferida do conhecimento, irrompe-se uma viagem sem retorno ao ponto de partida, instala-se a fome – uma fome que não se farta.

Contudo, se por um lado Macabéa é a imagem da expropriação, por outro é o indício de uma exuberância, de uma floração.

Tornada sujeito do mundo e de si própria, Macabéa é uma transeunte sequiosa.

Este parece ser o paradoxo fundante do sujeito (também sempre objeto) do conhecimento: a devastação causada pela intervenção do conhecimento é igualmente a pedra fundamental de uma nova linguagem existencial, uma superação de si – o saber.

Assim, Macabéa se encerra no destino de migrante: está condenada a transcender a si mesma, transvagando para sempre nos territórios ocupados do conhecimento.

Dúbio e multiforme, seu trajeto nos transporta para uma dimensão de passagem, de miscigenação e de mestiçagem na existência: a condição migratória do aprendiz.

O aprendiz mestiço

Insólito mundo novo é aquele que se descortina aos olhos do aprendiz. Perplexo e maravilhado com a delicadeza dos contornos do horizonte, indaga a estranheza das formas: serão sempre outras, ou apenas o arrebatamento as diferencia?; por que tão diversas, ou antes, por que se desdobram tanto?

De onde partiu, traz uma fina névoa sobre o olhar. Terá que se exceder, germinar o ventre árido, vencer a timidez de seus órgãos. E isto não se fará sem o outro.

De onde veio, apenas as reminiscências lhe servirão de companhia. Está banido da aldeia e anônimo diante de um mundo tão luminoso quanto obscuro.

No frio do desterro, acalentam-no as linhas do mestre distante:

Sim, parte, divide-te em partes. Teus semelhantes talvez te condenem como um irmão desgarrado. Eras único e referenciado. Tornar-te-á vários, às vezes incoerente como o universo que, no início, explodiu, diz-se, com um enorme estrondo. Parte, e então tudo começa, pelo menos a tua explosão em mundos à parte (Serres, 1993; p. 15).

O aprendizado inaugura a errância e o desconcerto, como no velho mito do herói que para ver melhor fura os próprios olhos. Antes rei tirano; agora sábio andarilho, em paz com o destino.

É certo, contudo, que não há aprendizado sem coragem – o destemor da conquista de novas paragens, mas também não há aprendizado sem desassossego – a inevitável exposição ao outro. Não há, portanto, conhecimento sem alteridade, e sem alteridade não há potência de vida.

O óbvio e a novidade residem nesta passagem, neste interstício: todo saber pos-

sível se perfilará por este 'entre', este domínio intervalar e invisível do sujeito e seu outro.

Trata-se, pois, de um estreito fundante: o acontecimento do encontro que faz brotar o tráfego entre o sujeito sempre peninsular e o continente da alteridade.

Migrante, mestiço, mesclado, diluído, fragmentado, recortado e tatuado com e pelo outro, o aprendiz pode então se precipitar sobre o mundo. Nem pleno nem vazio, é agora um iniciado.

Transcontinental e sem identidade, sua trilha conduz sempre ao mesmo marco primeiro: a extraordinária proliferação de formas do encontro germinal.

Canal de incessante passagem, a miscigenação é condição para a experiência livre e criadora. Só a partir dela, realidades ruidosas se apressam em ser no eclipse deste encontro.

Num mundo despojado de deuses, o mestiço migrante se condena a orbitar pelo mundo dos homens e suas idéias, à espreita de um traço (mesmo evanescente) de verdade.

Duelando incessantemente com o acaso, está de partida outra vez. Nada mais poderá deter seu vôo camicase sobre o porvir.

Nem posto, nem oposto, incessantemente exposto. Pouco em equilíbrio, e também raramente em desequilíbrio, sempre desviado de lugar, errante, sem morada fixa. Caracteriza-o o não-lugar, sim, o alargamento, portanto a liberdade ou, melhor ainda, o desaprumo, esta condição constrangedora e soberana de condução à verdade.

Eis já quase descrito o mestiço instruído, cuja instrução jamais termina: naturalmente, e também através de suas experiências, ele acaba de entrar no tempo; deixou seu lugar, seu ser e seu ali, sua aldeia natal, excluído do paraíso atravessou vários rios, consciente de perigos e riscos; eis que agora decola da própria terra: habitará ele o tempo?

Não, ninguém habita o tempo, porque ele exclui os mestiços e desaloja todo mundo imediatamente. É por isso que todos vivemos, a partir de então, desalojados (ibid.; p. 20).

Excluído do tempo, estilhaçado em incontáveis pedaços, o aprendiz está só mais uma vez.

Uma vez perdida a condição do 'um' da unanimidade, está encarcerado no múltiplo da singularidade – eco imemorial do istmo da mestiçagem.

Aveso ao apego ao território, seu passado é nômade. Seu abrigo é o deserto. Seu legado para os súditos que não há, a eterna transmutação.

Sua tarefa é, sobretudo, civilizatória. A cada parada: novas confluências, pequenas alianças – uma fresta oscilante de vertigem e êxtase. É o intangível outro que se

insinua e depois se apaga: a hora da exata chegada é o momento mesmo de partida.

Mixado mais uma vez (e sempre), contempla a vida renascendo sublime a cada encontro com esse imponderável outro. Reside, pois, numa alteridade também mestiça todo o norte de seu itinerário.

No mundo do aprendiz mestiço, tudo apenas principia.

Referências bibliográficas

AQUINO, Julio R. G. (1990). *Os discursos da formação do psicólogo; um estudo de representações institucionais*. São Paulo, Instituto de Psicologia – USP. (Dissertação de Mestrado.)

GUIRADO, Marlene (1987). *Psicologia institucional*. São Paulo, EPU.

_____ (1986). *Instituição e relações afetivas; o vínculo com o abandono*. São Paulo, Summus.

LISPECTOR, Clarice (1993). *A hora da estrela*. 21 ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves.

SERRES, M. (1993). *Filosofia mestiça; le tiers-instruit*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.